

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

**A LITERATURA EDUCA: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA PAIDEIA GREGA E DA
EDUCAÇÃO MEDIEVAL**

TORRES, José W. C.
PONTES, Roberto (Orientador)

Resumo

O presente ensaio procurará evidenciar *resíduos* clássicos no Medievo a partir de um estudo comparativo entre a educação medieval que era legada ao aspirante a cavaleiro, em parte por meio da Literatura, das novelas de cavalaria, e a paideia que era destinada àqueles que queriam se tornar heróis, na antiga Grécia, em boa medida pelas epopeias e pelos mitos. Neste ensaio, trabalharemos com o que a *École des Annales* chamava de “história comparativa” e de “método regressivo”.

Palavras-chave: Paideia. Educação Medieval. Cavalaria. Literatura. *École des Annales*.

Introdução

Este ensaio procurará evidenciar *resíduos clássicos* presentes no Medievo a partir de um estudo comparativo entre a educação dirigida, via Literatura, aos cavaleiros medievais, e a paideia grega legada aos heróis greco-romanos por meio das epopeias e dos mitos antigos. A partir desse trabalho estaremos realizando o que a *École des Annales* chamava de *história comparativa* e trabalhando com o *método regressivo*; ou seja, voltando ao passado (à Antiguidade clássica) para explicar algo de uma determinada época: da Idade Média, especificamente neste caso.

No primeiro tópico deste trabalho, mostraremos como ocorria, por meio da Literatura, a paideia (a educação) dos/nos heróis da Antiguidade clássica, para mostrar que não era muito diferente daquela que preparava, na Idade Média, os homens para a idade adulta e para a cavalaria.

Na segunda parte deste, teremos a constatação do aspecto *clássico-residual* da educação cavaleiresca, via Literatura, com base no que disseram sobre o assunto grandes medievistas.

Ao cabo, terá sido possível, acreditamos, evidenciar não só o *imaginário clássico-residual* do cavaleiro medievo como também algo maior: a existência do que poderíamos chamar de *mentalidade heroica*.

1. A paideia grega via epopeias e mitos

Na antiga Grécia, os mitos e as epopeias (a *Iliada*, em especial) foram utilizados, durante séculos, na educação das crianças e dos efebos. Acontece que a pedagogia do exemplo (os heróis serviam como modelos a serem seguidos, por conta das obras valorosas que haviam praticado “em vida”) revestia-se de grande importância para a civilização grega. Com os heróis míticos era possível aprender, dentre outras coisas, a ter coragem, a ser leal e até a lutar. A seguir, excertos de

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

textos de Jaeger, Campos, Giordani e Vidal-Naquet que atestam o que acaba de ser dito acerca do papel pedagógico dos mitos e dos poemas épicos:

Há um ponto em que é preciso insistir, porque é da maior importância para a compreensão da estrutura espiritual do ideal pedagógico da nobreza. Trata-se do significado pedagógico do exemplo. Nos tempos primitivos, quando ainda não existia uma compilação de leis nem um pensamento ético sistematizado (exceto alguns preceitos religiosos e a sabedoria dos provérbios transmitida por via oral de geração em geração), nada tinha, como guia da ação, eficácia igual à do exemplo. Ao lado da influência imediata do ambiente e, especialmente, da casa paterna, influência que na *Odisséia* exerce um poder tão grande sobre as figuras de Telêmaco e Nausícaa, encontra-se a enorme riqueza de exemplos famosos transmitidos pela tradição das sagas. Desempenham na estrutura social do mundo arcaico um papel quase idêntico ao que entre nós cabe à História, sem excluir a história bíblica. As sagas encerram todo o tesouro dos bens espirituais que constituem a herança e alimento de cada nova geração. [...]

A evocação do exemplo dos heróis famosos e do exemplo das sagas é para o poeta parte constitutiva de toda a ética e educação aristocráticas. Temos de insistir no valor deste fato para o conhecimento essencial dos poemas épicos e da sua radicação na estrutura da sociedade arcaica. Mas até para os Gregos dos séculos posteriores os paradigmas têm o seu significado como categoria fundamental da vida e do pensamento (JAEGER, 2001, p. 57-59, *passim*).

O mito contém em si este significado normativo, mesmo quando não é empregado expressamente como modelo ou exemplo. Ele não é educativo pela comparação de um acontecimento da vida corrente com o acontecimento exemplar que lhe corresponde no mito, mas sim pela sua própria natureza. A tradição do passado celebra a glória, o conhecimento do que é magnífico e nobre, e não um acontecimento qualquer. O extraordinário, até pelo simples reconhecimento do fato, obriga. Mas o cantor não se limita a referir os fatos. Louva e exalta o que no mundo é digno de elogio e de louvor. Assim como os heróis de Homero reclamam, já em vida, a devida honra e estão dispostos a conceder a cada um a estima a quem tem direito, assim todo o autêntico feito heróico está sedento de honra. Os mitos e as lendas heróicas constituem um tesouro inesgotável de exemplos e modelos da nação, que neles bebe o seu pensamento, ideais e normas para a vida. Uma prova da íntima conexão entre a epopéia e o mito é o fato de Homero usar exemplos míticos para todas as situações imagináveis da vida em que um homem pode estar na presença de outro para o aconselhar, advertir, admoestar, exortar e lhe proibir ou ordenar qualquer coisa. Tais exemplos geralmente não se encontram na narração, mas sim nos discursos das personagens épicas. O mito serve sempre de instância normativa para a qual apela o orador. Há no seu âmago alguma coisa que tem validade universal. Não tem caráter meramente fictício, embora originalmente seja, sem dúvida alguma, o sedimento de acontecimentos históricos que alcançaram a imortalidade através de uma longa tradição e da interpretação enaltecida da fantasia criadora da posteridade. Nem de outro modo se deve interpretar a união da poesia com o mito, a qual foi para os Gregos uma lei invariável. Está intimamente ligada à origem da poesia nos cantos heróicos, a idéia de glória, do louvor e da imitação dos heróis (JAEGER, 2001, p. 67-68).

No entanto, acima do elemento da raça e do povo, que só podemos apreender de maneira emocional e intuitiva, e que se conserva com rara imutabilidade através das mudanças históricas do espírito e da fortuna, não podemos esquecer a

I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares: "Antiguidade e Medievalidade nos textos"

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

influência histórica incalculável que o mundo humano plasmado por Homero exerceu sobre todo o desenvolvimento histórico posterior da sua nação (*ibidem*, p. 84).

Os múltiplos significados que esses épicos tiveram para os gregos, ao longo de sua história, não podem ser determinados de maneira unívoca. De modo geral, porém, podemos dizer que adquiriram, primeiramente, uma função prática e quase enciclopédica, “educando” a Grécia Antiga a respeito de procedimentos sociais, deveres, crenças, comportamentos em família e até habilidades (como as de guerra e governo), promovendo assim um sentimento de coesão social e, em larga escala, de coesão étnica. Tiveram, também, de modo mais amplo, um alcance que podemos classificar de espiritual, e por isso mesmo atemporal. A contínua recitação desses poemas ao longo dos séculos representava, para os gregos, a possibilidade de permanência de reflexões cruciais, propostas por meio de histórias envolvendo antepassados extraordinários, que conviviam com os deuses e em alguns casos deles descendiam. Esses homens, por sua condição excepcional de semideuses, viviam situações intensas e muitas vezes excessivas, que os aproximavam dos imortais, ao mesmo tempo que reforçavam sua condição de mortais. O canto dessas experiências carregadas de cores tinha, portanto, a capacidade de explicitar, para o homem comum, o sentido de sua existência simultaneamente finita e divina, e assim nunca deixava de ser significativo, ainda que ouvido dezenas de vezes (CAMPOS, s/d, p. 22).

Ao que tudo indica, a língua homérica reveste um caráter bastante artificial, o que se explica razoavelmente pelo fato de a poesia de Homero nada ter de popular. <<Ela se dirige a uma aristocracia cujas relações ultrapassam os limites da cidade>>. <<A poesia épica se dirige a toda aristocracia grega: a *Ilíada* é o mais pan-helênico dos poemas>> (GIORDANI, s/d, vol. I, p. 296-297).

Quando lemos a *Ilíada* e a *Odisséia*, não podemos esquecer que esses poemas eram destinados a serem recitados para um auditório de homens ricos e poderosos, capazes de ir à guerra armados da cabeça aos pés: capacete, couraça, grevas (VIDAL-NAQUET, 2002, p. 15).

Nossas bibliotecas se enriqueceram com outras epopéias, de origem oriental, como a de *Gilgamesh*, herói da Mesopotâmia, que é também uma reflexão sobre a condição humana em relação ao mundo divino. Porém, *Gilgamesh* só nos foi restituído graças às escavações feitas nos *tells*, colinas da Mesopotâmia (hoje Iraque), no século XIX. Essa epopéia não pôde ter, portanto, sobre a nossa cultura, a fabulosa influência da *Ilíada* – nem a da *Odisséia* (*ibidem*, p. 116).

A *Ilíada*, nessa forma, foi naturalmente o grande modelo de toda a épica posterior (JAEGER, 2001, p. 40).

A vida sedentária, a posse de bens e a tradição são os pressupostos da cultura da nobreza. Estas três características possibilitam a transmissão das formas de vida de pais para filhos. Segundo os imperativos dos costumes da nobreza, a finalidade do jovem consciente do seu padrão deve ser aderir a esse “adestramento” distinto. E, apesar de na *Odisséia* existir um sentimento de humanidade para com as pessoas comuns e até para com os mendigos, apesar de faltar a orgulhosa e aguda separação entre os nobres e os homens do povo, e existir a patriarcal proximidade de senhores e servos, não se pode imaginar uma educação e formação consciente fora da classe privilegiada. O adestramento como formação da personalidade humana, mediante o conselho constante e a direção espiritual, é uma característica típica da nobreza de

I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares: "Antiguidade e Medievalidade nos textos"

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

todos os tempos e povos. [...] A educação converte-se aqui, pela primeira vez, em formação, isto é, na modelação do homem integral de acordo com um tipo fixo. A importância de um tipo desta natureza para a formação do Homem esteve sempre presente na mente dos Gregos. Esta idéia desempenha um papel decisivo em toda a cultura nobre, quer se trate do xalo\|v xa0gaqo/v dos Gregos, da cortesia da Idade Média cavaleiresca, ou da fisionomia social do séc. XVIII, tal como nos é apresentada por todos os retratos convencionais da época (*ibidem*, p. 44-45, *passim*).

Werner Jaeger e James Redfield, nos seus textos, mostraram que Homero, tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia*, pintou muito bem a figura do herói: naquela epopeia, como um guerreiro forte (de força sobre-humana), corajoso, rápido, nobre (no sentido mais amplo dessa palavra: possuidor de muitas qualidades morais e intelectuais, mas também pertencente à aristocracia), político (também no sentido lato do termo: diplomático, polido, cortês, mas, principalmente, envolvido com política, governante); nesta, como um guerreiro valente, vigoroso, mas, principalmente, prudente, astuto, ético. Todos esses atributos encontravam-se por trás de uma única palavra: *arete*²¹. Podia-se dizer, portanto, que se aproximava do herói homérico o guerreiro da Idade das Trevas que possuía a *arete*. Um adjetivo grego que trazia em si todos esses atributos era *agathós*.

2. A educação medieval via novelas de cavalaria

Sabe-se ainda que as canções de gesta e as novelas de cavalaria, a exemplo do que acontecia na Antiguidade com relação aos mitos e às epopeias, faziam parte da *paideia* do homem mediéxico: a vontade de se tornar um bom cavaleiro era alimentada, ainda, nos meninos e nos jovens, pelas histórias que ouviam contar ou que liam. As aventuras de rei Artur e de seus cavaleiros, mas também as de heróis greco-latinos, povoaram a mente de muitos infantes e mancebos medievos que, tempos depois, vieram a se tornar grandes guerreiros. Jacques Le Goff, em *As raízes medievais da Europa*, teceu interessantes considerações acerca da importância das Literaturas antiga e medieval para a construção de um mito e de todo um *imaginário* em torno do cavaleiro, na Idade Média. As *ideologias* da Cavalaria (guerreira) e da Igreja (cristã) certamente eram transmitidas às crianças e aos rapazes também por meio da Literatura. Sobre isso disse Le Goff:

O mais importante para o futuro europeu do fenômeno da cavalaria é a formação, desde a Idade Média, de um mito cavaleiresco. Esse mito cavaleiresco foi, se não

²¹ “O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de *arete*, que remonta aos tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para este termo; mas a palavra ‘virtude’, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega. Basta isto para concluirmos onde devemos procurar a origem dela. É às concepções fundamentais da nobreza cavaleiresca que remonta a sua raiz” (JAEGER, 2001, p. 25).

I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares: "Antiguidade e Medievalidade nos textos"

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

criado, pelo menos propagado por uma literatura especializada; e aqui é o lugar de marcar quanto, na herança que a Idade Média legou à Europa, a literatura tem um grande lugar. O mito do cavaleiro começou a ser orquestrado nas canções de gesta. Os dois aspectos do cavaleiro, a proeza militar e a piedade, encarnaram-se, desde o fim do século XI, nos dois heróis de *A canção de Rolando*, Rolando e Oliveiros. Os cavaleiros são louvados aí como os grandes servidores dos reis, graças às virtudes cavaleirescas, à valentia guerreira ao serviço da fidelidade vassálica. Os cavaleiros das canções de gesta tiveram sucessores que adquiriram tanto sucesso quanto eles. São os heróis dos romances de aventuras, cujas duas grandes fontes foram a história antiga transfigurada, *Enéias*, *Heitor e Alexandre*, e a "matéria da Bretanha", *quer dizer*, as façanhas dos heróis celtas, mais imaginários que históricos, em primeiro lugar as do famoso Artur. Este imaginário, essencial para o imaginário futuro da Europa, elaborou, no século XIII, depois de ter criado um herói mítico, o "cavaleiro errante", um tema que ilustrou a cavalaria ao reunir os heróis dessas diversas origens. É o tema dos "Nove Valentes". É uma história sagrada da cavalaria que agrupa os valentes antigos (Heitor, Alexandre, César); os valentes bíblicos (Josué, Davi e Judas Macabeu) e os valentes cristãos (Artur, Carlos Magno, Godofredo de Bouillon). O imaginário cavaleiresco faz das façanhas guerreiras, da dedicação ao serviço dos fracos (mulheres, pobres...), que sobreviveu tanto mais na Idade Média porque o epíteto cavaleiresco, ainda que tenha sido, em grande parte, modelado pela Igreja, conserva valores leigos numa Europa que se distancia dos valores propriamente cristãos (LE GOFF, 2007, p. 83-84).

José Hermano Saraiva, em sua *História Concisa de Portugal*, ao falar da importância das lendas arturianas para a educação de Nuno Álvares, um nobre e guerreiro português do século XIV, homem de confiança de D. João I, o Mestre de Avis, mostra que Le Goff tinha mesmo razão:

Era uma cultura mais de consumo do que de produção, e o que se consumia eram histórias importadas do estrangeiro: os romances de cavalaria da *matéria de Bretanha* (isto é, o conjunto das lendas relativas ao rei Artur e seus cavaleiros na defesa da Bretanha invadida; os factos históricos que estão na base das lendas situam-se à volta de 1200 e a cristalização lendária está completa e já é corrente em 1300).

Os romances de cavalaria estão na moda durante muito tempo e são a leitura predilecta dos cavaleiros e dos burgueses, que aprenderam a ler e sonham com ser cavaleiros. O nosso Nuno Álvares, nascido à volta de 1360, criou-se a ouvir esses livros, especialmente a história de Galaaz, que era um dos companheiros do rei Artur (SARAIVA, 1992, p. 105-106).

Conclusão

Ao cabo de tudo o que foi dito, pode-se facilmente concluir acerca da importância da Literatura para a educação dos povos. Na Antiguidade clássica, ela foi uma das principais responsáveis pela construção do *imaginário* criado em torno da figura do herói; *imaginário*, esse, copiado pelos guerreiros que de fato viveram no período homérico e em períodos posteriores da Grécia antiga e até mesmo durante o Império Romano e a Idade Média.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Da mesma forma ocorreu com a épica medieval: as novelas de cavalaria contribuíram bastante para a construção do *imaginário* cavaleiresco. Tal *imaginário* influenciou imenso o comportamento dos cavaleiros medievais, que procuravam agir conforme os personagens dessas narrativas mediélicas.

Também se pode concluir que tal comportamento dos cavaleiros perante as leituras que realizavam apresenta-se *residual*, quando comparado àquele que os antigos heróis gregos e romanos tinham com relação às epopeias e aos mitos que liam: tanto estes quanto aqueles procuravam imitar o modo de agir dos personagens das narrativas épicas. Vale salientar que as epopeias e os mitos antigos fizeram sucesso também durante o Medievo: a *Eneida* foi bastante conhecida ao longo de toda a Idade Média, e, na Alta Idade Média, temos notícias da existência do ciclo clássico, formado por narrativas protagonizadas por personagens gregos e troianos.

Por fim, deve-se falar da existência de uma *mentalidade* heroica, fruto do somatório dos *imaginários* criados, pela Humanidade, em torno da figura do herói: tanto os heróis greco-romanos das epopeias e dos mitos antigos quanto os cavaleiros medievais agiam praticamente da mesma forma. Nesse grupo poderíamos ainda inserir Gilgamesh e os heróis modernos e contemporâneos que nos foram dados, de presente, pela Literatura.

Referências

- CAMPOS, André Malta. O legado literário de Homero. **Revista EntreLivros**. São Paulo, n.1, p. 21-24, s/d.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, s/d.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- _____. **Odisséia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a Formação do Homem Grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MAGNE, Augusto (org.). **A Demanda do Santo Graal**. Rio de Janeiro: INL, 1944. (Dois volumes de texto e um volume de glossário.)
- _____. **A Demanda do Santo Graal**. Ed. fac-similada org. por Augusto Magne, Vol. I. Rio de Janeiro: INL, 1955.
- MONTALVO, Garci Rodríguez de. **Amadis de Gaula**. Edición de Juan Manuel Cacho Bleca. 6. ed. Madrid: Cátedra, 2008. (Letras Hispánicas.).
- REDFIELD, James. O Homem e a Vida Doméstica. In: VERNANT, Jean-Pierre (dir.). **O Homem Grego**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

SARAIVA, José Hermano. **História Concisa de Portugal**. 15. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992. (Coleção Saber.)

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O Mundo de Homero**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

